



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria. Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria. Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

O mesmo sacerdote deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos 24 doentes presentes.

Ao Evangelho, o rev. dr. Marques dos Santos fez a costumada homilia que versou sobre a devoção às Almas do Purgatório e os meios de as sufragar e recitou também as súplicas usuais durante a bênção dos doentes.

Tendo dado aos peregrinos a

O retiro dos operários do Santuário da Fátima

É já velha tradição, interrompida apenas nestes dois anos por casos de força maior, que os operários do Santuário se reúnem todos os anos a fazer o seu retiro espiritual, a cuidar da alma nessa terra onde um ano inteiro lhes absorve os cuidados e energias numa incessante labuta. Este ano foi de 21 a 24 do mês passado.

120 operários dos vários mesteres, recolhidos, silenciosos e atentos puseram de parte os instrumentos de trabalho e fizeram a mais encantadora greve que é possível imaginar-se. Dirigiu-lhes o retiro o Rev. P.ª Sarreira da Companhia de Jesus que foi incansável em ajudar esses bons operários e os 30 homens da Liga Agrária Católica de Santa Catarina da Serra que se lhes juntaram.

No Domingo, 24, às 10 da noite fizeram uma procissão de velas e entre luzes e cânticos trouxeram para a capela a imagem de Nossa Senhora.

Feita uma hora de adoração até à meia-noite, receberam a Jesus Sacramento à missa que se lhes seguiu e acompanhada de novo a imagem até à capelinha das Aparições fizeram a sua consagração a Nossa Senhora, despediram-se e partiram alegres e cheios de saúde desses dias queridos.

CRÓNICA FINANCEIRA

A «Voz da Fátima» por ser o jornal de maior circulação em Portugal é também o mais apropriado para tornar conhecidos do público certas verdades de ordem prática de importância capital. A «Voz da Fátima» não só é lida por muita gente, mas também por gente de todas as classes sociais e muito principalmente nas aldeias que é onde se lê menos, mas é também onde se lê com mais vagar e atenção, e portanto com maior proveito. Tudo isto concorre para valorizar o que nela se escreve. Ora hoje vamos abordar um assunto que interessa grandemente a alguns milhares de pais e mães de família muitos dos quais vivem em aldeias sertanejas ou em vilas e até cidades afastadas e trazem filhas a estudar longe das suas vistas.

Como o assunto é melindroso, começaremos por reproduzir umas corajosas e oportunas palavras que o ilustre Reitor da Universidade de Coimbra proferiu na soleníssima sessão com que se abriu naquela veneranda escola o corrente ano lectivo. Disse Sua Ex.ª: «São muitos — para que mencioná-los — os perigos que em princípio correm as alunas universitárias. Preveni-los é nosso indeclinável dever».

É evidente que uma menina corre perigo em toda a parte, mesmo na casa paterna, como a experiência vai mostrando infelizmente a cada passo. Mas é também evidente que os perigos se multiplicam e agravam para as que saem da casa de seus pais e vão estudar longe das suas vistas. Mesmo debaixo das vistas dos pais, uma menina que estuda num liceu, ou num colégio como externa, ou numa outra qualquer escola, corre sempre riscos acrescidos, porque se torna difícil a sua guarda, a não ser que onde sempre acompanhada de pessoa de família, o que é raro ver-se. E doutro modo a guarda é difícil porque a menina se quizer diz que vai para a aula, ou que vai estudar com uma amiga, ou pedir-lhe uns apontamentos, ou coisa semelhante, e vai para onde lhe apetece sem que a família tenha receio de se informar da verdade, sobretudo nas grandes cidades. Isto mesmo quando elas vivem com os pais ou em casa de pessoas de família.

Se vivem em casa de hóspedes, mesmo só para o sexo feminino, ou em qualquer patronato, mesmo de religiosas, a fiscalização mais difícil se torna, pois se aos pais é impossível vigiar uma, como não de os outros vigiar dezenas?

Acreditar que as professoras, ou directoras de colégios ou reitoras de Liceus possam vigiar as alunas a ponto de os pais poderem estar socegados, é pura ilusão que não resiste a dois minutos de reflexão. Professoras, directoras, reitoras podem vigiá-las nas aulas, onde nenhuns perigos correm em geral; e ainda se pode conceder que as possam vigiar dentro dos respectivos edifícios escolares, se todo o pessoal for do sexo feminino. Mas na rua, como há-de ser isso? Se nos pais é impossível vigiar convenientemente uma, como não de as professoras, directoras e reitoras vigiar centos delas?

Não tenham os pais e as mães de família ilusões a esse respeito. Se têm filhas a estudar, tanto em terras grandes como nas pequenas, não se esqueçam que elas correm graves riscos de que só se podem livrar as que tiverem cabeça muito assente e uma sólida formação moral e religio-

sa. Nestas condições, todas as cautelas são poucas e os riscos para aquelas que vão para o primeiro casa de hóspedes que lhes aparece, onde há promiscuidade de sexos, são então gravíssimos. Quem me avisa, meu amigo é...

Pacheco de Amorim

A Lição do PRESÉPIO

— Olha... ali vem o teu pai! Anda! Pedê-lhe!

— Vais ver que não deixa!

Contudo, Beatriz estugou o passo ao encontro do homem que, de enxada ao ombro, avançava indolentemente, aparentando cansaço ou indiferença. Ao ver a filha carregou o sobrolho.

— Que queres? perguntou. E enviezava o olhar para a companheira de Beatriz, aprendiz como ela na única modista que, na pequena vila, se arrogava esse epíteto. As duas rapariguitas eram, além do mais, quasi vizinhas, e uma grande amizade as ligava por assim dizer desde o berço. Os pais pouco se davam. O de Beatriz, sempre mal disposto, consigo mesmo e com a mulher e os filhos, contra quem as descargas eram frequentes e violentas, pouco se dava fosse com quem fosse. O de Natália, agulheiro dos Caminhos de Ferro, tirando as horas do escasso repouso que muita vez tinha de fazer durante o dia, absorvia-se no amanho do quintalejo, a cujo trabalho de muito cedo ia habituando os filhos, e numa espécie de oficina de «faz-tudo» sob um telheiro ao lado da casa. Quanto às mães de ambas pouco vagar tinham para conversas e — honra lhes seja feita — não se viam ociosas por portas e janelas.

— É que, balbuciou a pequena, como é noite de Natal...

— E que tem lá isso?... Gira para casa... e já!

Mas Natália, treze anos sádios e desembaraçados quanto os da amiga eram tímidos e doentios. adiantou-se com o seu melhor sorriso:

— É o dia dos meus anos e não deixa a Beatriz vir ceiar comigo?...

— Gira mas é para casa, já lhe disse!

E deitou a mão ao braço da filha que sufocou um gemido, enquanto Natália ficava parada com os olhos cheios de lágrimas.

— Pobre Beatriz! murmurou vendo-os afastar. E pobre dele também... ou mais ainda! Muito tenho de pedir por ambos logo ao Menino Jesus!

Retomou o caminho para casa, cuidadosa, sem no entanto deixar de lançar os olhos para as montras das lojas e capelistas que se tinham enfeitado o melhor que podiam e diante das quais estacionava o rapazio deslumbrado ou cobicioso.

Pela primeira vez levava no

(Continua na 5.ª página)

A Peregrinação de Novembro, 13

A chuva e a lama não impediram que, na peregrinação de Novembro último, os devotos de Nossa Senhora da Fátima afluíssem em número tão avultado como em qualquer outro mês do ciclo não favorecido com a graça das aparições.

Entre os diversos grupos de peregrinos destacavam-se dois. Um deles era o da freguesia de S. Vicente de Fora, de Lisboa, acompanhado pelo respectivo pároco, Monsenhor Francisco Esteves. O outro, o de S. Mamede, igualmente da capital, sob a direcção do rev. P.ª António Dias Borges.

Estes dois grupos chegaram na véspera à tarde e, depois das 19 horas, juntamente com os outros peregrinos, realizaram a procissão das velas.

Monsenhor Francisco Esteves trazia consigo a «Schola cantorum» da sua freguesia cuja colaboração deu grande realce às solenidades do dia.

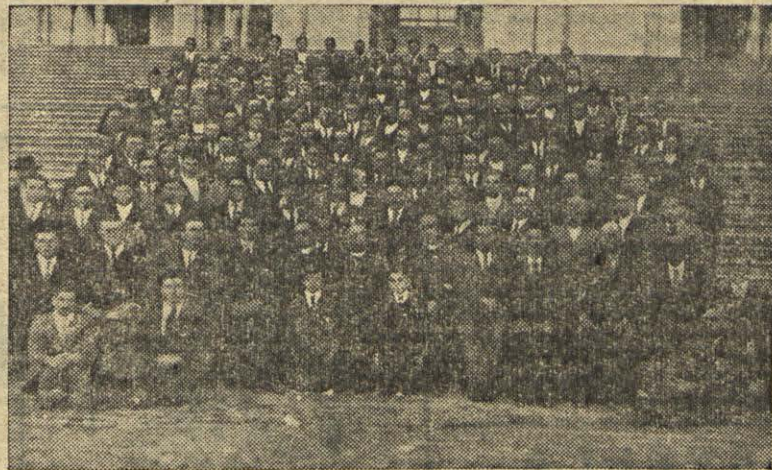
A procissão das velas seguiram-se duas horas de adoração geral ao Santíssimo Sacramento exposto solenemente na capela das confissões. A exposição continuou ali até às 7 horas, sendo dada nessa ocasião a bênção eucarística.

Uma hora mais tarde, Monsenhor Francisco Esteves celebrou a Missa da comunhão geral. Foram numerosos os fiéis que se aproximaram da sagrada mesa.

Ao meio-dia, rezou-se o terço e, logo após a sua recitação, apesar de o tempo se apresentar pouco favorável, efectuou-se a primeira procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora da Fátima cujo andor foi conduzido aos ombros dos Servitas até ao altar exterior erecto junto da porta principal da igreja das confissões.

Assim que a imagem foi colocada no pedestal à direita do altar, o rev. P.ª Igino Lopes Pereira Duarte, pároco da Marinha Grande, deu início à celebração da Missa dos doentes.

notícia do atentado contra os Senhores D. João Evangelista de Lima Vidal, Bispo de Aveiro, e dr. Oscar Carmona da Silva e Costa, neto do venerando Chefe do Estado, disse que a Missa era aplicada, além das intenções habituais, pela cura dos dois ilustres enfermos, pedindo a todos os que estavam presentes a caridade



Os operários do Santuário de Nossa Senhora da Fátima em exercícios espirituais de 21 a 24 de novembro de 1940.

de rezarem no fim daquele piedoso acto uma Ave-Maria segundo a mesma intenção, o que então se fez em comum.

Como das outras vezes, realizou-se por último a recondução processional da Imagem de Nossa Senhora da Fátima para a capela das aparições onde se fez a consagração dos peregrinos à Santíssima Virgem e se cantou o «Adeus».

Visconde de Montelo

Calendário de N.ª S.ª da Fátima para 1941

Segundo ano de publicação. Profusamente ilustrado a heliogravura e dedicado à vidente Jacinta de quem insere o retrato e notícias interessantes. O melhor para brindes. Preço de cada exemplar esc. 1800. Pelo correio 1\$20. Pedidos à Casa de N.ª S.ª das Dores — Cova da Iria (Fátima).

NATAL

O tempo do Advento em que estamos lembra-nos que está à porta a festa do Natal do Menino Jesus. Tempo de oração e de penitência, traz-nos à memória a ansiosa expectativa de tantos séculos antes da vinda de Jesus.

Como eles também nós devemos aspirar por que Jesus nasça e viva nas nossas almas.

Preparemos-lhas para que as encontremos limpas, imaculadas e fervorosas.

Que a oração nos eleve até Deus e que a penitência, a mortificação nos separem do Mundo!

E preparemos a prenda que iremos ofertar no Presépio.

Há almas tão pobrezinhas que nem o conhecem sequer.

Vivem longe dele, não ouvem a Sua Voz não seguem a Sua Lei. Porque não vamos prepará-las para se renderem ao Amor Eterno e curvarem a cabeça diante da Verdade que nos veio trazer?

Por elas também o Senhor veio a este mundo: por elas sofreu e morreu.

A conquista e posse dessas almas é o seu anelo supremo.

Orando, aconselhando, trabalhando e sofrendo vamos à conquista dessas pobres almas para o Senhor e, contentes, como os pastores de Belém depositemos-lhe aos pés esses tenros cordeiros cujo serviço tanto agrada ao Deus que por nosso amor se fez menino nas pa-lhinhas da gruta.

Cartas de longe

Não tenho querido perturbar, com as minhas considerações enfadonhas, a felicidade, a alegria inteira e profunda de teres dado ao mundo um pequenino ser, de poderes apertar nos teus braços o primeiro fruto dum amor santificado pelo sacramento do Matrimónio. Tantas vezes a minha imaginação te tem visto debruçada sobre o berço do teu filhinho olhando-o longa e embevecidamente, espreitando o seu primeiro sorriso, velando o seu dormir sempre atenta aos seus vagidos. As Mães, quem as iguala em carinho e ternura?

E, como o tempo desliza rápido e o teu pequenino cresce e se desenvolve a olhos vistos, estou já a verte-nciosa por distinguir entre o seu galrear incompreensível, o balbuciar da palavra — mãe. Tenho a certeza que a esse pequeno monossilabo saído dos lábios rosados do teu filho, o não trocarias tu nesse dia pelo mais belo poema do mundo!

E legítima a tua alegria embora só os máis, verdadeiramente máis, a saibam compreender e sentir.

Mas escuta, não esqueças, no meio da tua alegria, que esse pedacinho de gente tem uma alma que o Senhor criou para O conhecer e amar. Ensina-lhe pois a balbuciar ainda antes das palavras, «mãe» e «pai» o doce nome de Jesus, balbuciar incoerente, sem dúvida, mas que o despertar da razão virá depois esclarecer e vincar.

E enquanto o tempo passa veloz e o teu filho vai crescendo, o seu vocabulário aumenta fazendo-se já entender na sua linguagem infantil. É ocasião de lhe ensinares as primeiras orações pequeninas e singelas, de lhe inculcares amor e respeito a Jesus nas Suas imagens, no Crucifixo, que deve ocupar o lugar de honra na tua casa. E porque não há-de colocar-lhe ao peito uma pequenina cruz, mais ou menos valiosa, em vez desses berloques insignificantes e ridículos e até, às vezes a tresandarem

Lembra-te da morte

Tôda a noite a voz do sino compassada e chorosa lembrava uma alma do outro mundo que atravessava a cacimba do céu e batia às portas a pedir misericórdia.

De madrugada, ainda escuro, passavam as mulheres com os chales pela cabeça, desfilando padre-nossos, a pensar, tôdas compungidas, nos que lá tinham na terra da verdade.

Os homens, encatarroados, esperavam à porta da igreja pela Missa das Almas, mordiscando na beata com as golas levantadas e as mãos enterradas nos bolsos ou escondidas nas abas do capote. Tinham todos um ar muito sério e a cara encorreada pelo frio.

Nas rodas que se faziam à medida que todos iam chegando, falava-se baixo e compassado.

a superstição, que por aí se vêem ao pescoço das crianças?

Habitua-o sobretudo a rezar ao deitar e levantar da cama para que esse piedoso hábito aprendido de tão pequenino o acompanhe, sempre pela vida fora. E verás como é comovedor ver duas mãozinhas inocentes que se erguem para Deus e imploram as Suas bênçãos. Jesus, que tanta predilecção mostrou pelas crianças, não resistirá à sua inocente prece.

Não sejas pois cuidadosa e desvelada só em ministrar-lhe o alimento material de que necessita, mas se igualmente cuidadosa e desvelada em dar-lhe o alimento espiritual logo que a sua alma esteja pronta a recebê-lo. É à mãe que compete em primeiro lugar esse sublime dever pois para isso a dotou o Senhor com qualidades especiais. Ninguém como ela sabe formar, modelar suavemente a alma dos filhos.

Sê pois mãe no verdadeiro sentido da palavra. E os braços fortes de teu marido, que o Senhor te deu piedoso e bom, e o teu seio maternal e carinhoso serão o amparo seguro e propício ao desabrochar do botãozinho mimoso que é o teu filho e doutros mais que por ventura Deus te confiar.

São os votos da tua muito amiga

MOSS

AS INDIGESTÕES CAUSAM INSÓNIAS

Só, quem tem a infelicidade de sofrer de indigestões, pode compreender o horror que são as insónias que elas provocam.

As voltas na cama, horas seguidas, sentindo a garganta queimada pela azia, as palpitações desordenadas do coração, etc.

Há, porém, um excelente remédio para facilitar as digestões e acabar com estes tormentos. São as Pastilhas Digestivas Rennie. Chupam-se duas Pastilhas Rennie depois das refeições e, o trabalho digestivo, faz-se sem causar o mais leve incómodo.

As Pastilhas Rennie contêm antiácidos que fazem desaparecer a azia; absorventes que suprimem a flatulência; e fermentos que facilitam a digestão. Para tomar as pastilhas Rennie não é necessária água: metem-se na boca e chupam-se como os caramelos. A saliva, à medida que é engulida, vai servindo de veículo aos seus componentes, conservando-lhes toda a sua força e propriedades que não são diluídas pela água. Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estômago em 5 minutos. Vendem-se em tôdas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

Lembravam-se os que naquele ano tinham partido e que ali mesmo tinham estado a contar os que faltavam, e a pensar, eles próprios, na morte como coisa distante. No entanto «mal diriam...» mal diriam eles...» comentavam todos.

Calaram-se por momentos pensando cada um também que a morte não seria ainda para si.

O sr. Francisco do Pinhal, todos os anos, era tão certinho na igreja como os pardais nas searas. Agora lá vinha ele arrastando os seus oitenta e cinco invernos que já tinham assistido à colheita de umas poucas de gerações de rapazes novos, como ele dizia.

Mal se abeirou de um grupo logo o brejeiro do Faustino entrou de caçoar com ele.

— Neste é que não dá o carunchol disse dando-lhe umas palmadinhas nas costas: Eh Ti Francisco, então por aqui também? Olhe que a invernia até os pinheiros velhos às vezes derruba.

— Quando Deus quer, meu homem, não ha raízes que nos prendam à terra. Mas enquanto Deus for servido cá vou cernando pelo mundo.

— Vossemecê agora já não morre. A morte deixou-o atrás no céu e agora só o encontra quando vier pelo rebusco acabada a vindima geral.

— Eu é que me não iludo com a demora. Não sei onde ela está porque a matreira alaparda-se como coelho no mato. Mas algum dia, mal damos uma topada, salta-nos debaixo dos pés. O que eu sei é que cada dia dou um passo direitinho para ela. Não a vejo mas penso nela.

— Então anda sempre com a morte deante dos olhos? Perguntou do lado o Barradas, travesso.

— Nem mais. Então que faz a gente com os olhos no chão, quando a cabeça já pende para a terra, senão procurar o lugar aonde havemos de cair?

— O Ti Francisco mas a gente sempre a pensar na morte endoidece ou morre de pavor.

— Nisso bem te enganas tu. Quanto mais um homem a conhece e a espera tanto menos medo lhe mete. Quando temos de passar a um portal de onde sabemos que nos pode vir um cachorro com a dentuça anavalhada direito às pernas já um homem vai de peito feito com um cacete ou um penedo nas unhas.

Se andarmos sempre limpinhos de alma como se tivéssemos de morrer de um momento para o outro já a grande ladra da ceifeira nos não mete medo.

— Mas isso só quando formos velhos, disse o Faustino.

STELLA

Excelente revista ilustrada de cultura para senhoras e meninas, fundada e abençoada por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor D. José, Bispo de Leiria. Tem secções de modas, bordados, culinária, utilidades domésticas, etc. Preço para o Continente e Ilhas esc. 25\$00 por ano. Pagamento adiantado.

Redacção e Administração: Casa de N.^a S.^a das Dores — Cova da Iria (Fátima).

LAVRADORES: VALENCIANA

SEMEAI

VALENCIANA

BATATA SELECCIONADA PARA SEMENTE

a melhor batata branca portuguesa

que dá as melhores produções, não se desfaz ao cozer e melhor se conserva.

DISTRIBUIDORES GERAIS: H. CAMPOS FERREIRA, L.^{da}

Largo do Terreiro do Trigo, 11-1.^o — LISBOA

"FACADAS"

Quando, no dia 11 do mês passado, dava entrada na Sala «Portugal» da Sociedade de Geografia em Lisboa, o Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, venerando Arcebispo-Bispo de Aveiro, foi alvo de duas profundíssimas facadas que mão criminosa lhe desfechou no peito, para em seguida ferir também um neto do Sr. Presidente da República, rapaz brioso e com a compreensão do dever, que, vindo o gesto do bandido, se atirou sobre ele para o dominar.

Crime nefando que fez vibrar o país inteiro de profunda indignação e revolta!

Atentado monstruoso, mais abominável pelas suas intenções e objectivos do que propriamente pela gravidade dos seus efeitos!

O criminoso não era, como a principio se pretendia dizer, um doido furioso a precisar de manicómio; era sim um instrumento cego das alfurjas maço-

nicas ou outras sociedades secretas que continuam a manobrar na escuridão.

Como muito bem dizia o nosso diário católico «Novidades» «o criminoso não terá querido ferir um homem: deve ter desejado abater um simbolo».

O atentado, ao que parece, estava preparado para Sua Em.^a o Senhor Cardinal Patriarca — simbolo bem significativo da Igreja florescente em Portugal — e só por engano, dele foi vítima o virtuoso Prelado do Aveiro.

Católicos, alerta!

Não nos deixemos adormecer, embalados na doce ilusão de que a Barca da Igreja, navega em maré de rosas!

Católicos, cautela!

O inimigo continua com a sua obra sinistra a agir na sombra e a maquinar os seus planos de guerra infernal à Fé de nossos Malores.

Católicos, cuidado!

Como manhosos leopardo, o adversário vai assolapadamente tornando as suas posições, para, no momento oportuno, dar o salto traiçoeiro.

Católicos, à luta, à Acção, pela Paz e pelo Bem!

Muitos de vós não podeis combater?

Não durmais ao menos o sono criminoso da indiferença! Auxiliai aquêles que combatem o «bom-combate»!

Inscrevi-vos nos Cruzados da Fátima, para que a Igreja, com as orações e esmolas dessa prodigiosa associação, possa fornecer aos que militam no Exército de Cristo (a Acção Católica) as armas necessárias para o triunfo da nossa causa que é a Causa de Deus.

Dar todos os meses dois tostões para os Cruzados de Fátima, é, depois da oração, a melhor maneira de auxiliar a Acção Católica.

P.

Sente-se

CANSADA

para a tarde?



(Sonolenta depois, depois das refeições? Cansada para a tarde? Irritável, nervosa? Tem dores de cabeça; às vezes nas costas e nas pernas? Tez descorada; olhos picados?)

Tudo isto são sintomas de prisão de ventre.

Evacua com regularidade? Muitas pessoas, cujas funções intestinais parecem regulares, sofrem de prisão de ventre, sem darem por tal. Não eliminam completamente e, assim, acumulam venenos no sangue.

Para estes casos existe um bom remédio: — tôdas as manhãs, uma pitada de Sais Kruschen. Esta pequena dose contém, precisamente, os sais minerais que são necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

Basta para que se sinta optimamente. Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em tôdas as farmácias, a 17\$00 e 36\$00 escudos o frasco.



A receita D. D. D. não tem equivalente nem no País nem em qualquer parte do globo como especialidade curativa da maioria das doenças de pele secas e húmidas.

O remédio D. D. D. encontra-se à venda em todo o mundo civilizado e é certamente, a única especialidade medicamentosa que, graças à vasta expansão atingida pelo seu consumo, basta só por si e com exclusão de quaisquer outros produtos, para manter uma organização de vendas que hoje se encontra espalhada por todos os países. Este facto incontestável e incontestado prova o valor do produto, que aumenta a sua venda à medida que mais conhecido se vai tornando nos seus efeitos.

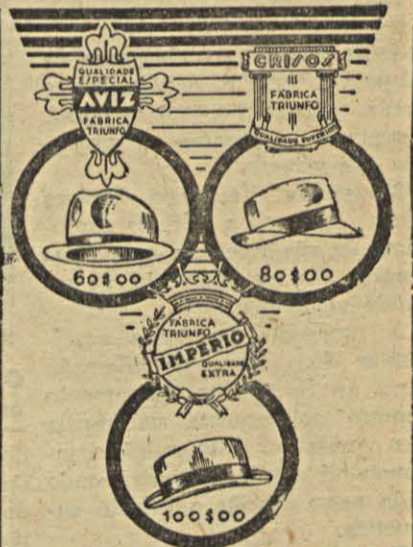
Não se trata de uma pomada, unguento, creme ou substância com que se procura encobrir as mazelas da pele.

A receita D. D. D. é, pelo contrário, um preparado de forma fluida, e que pela sua força de penetração na derme, consegue actuar directa e profundamente nos poros, exercendo uma acção antiséptica e curativa ao mesmo tempo. O remédio D. D. D., infalível contra o Eczema, deve aplicar-se em todos os casos de Herpes, Caspa e Polifolias do Couro cabeludo, Comichão, Furúnculos, Sarna, Chagas (abertas ou húmidas), Queimaduras e FRIEIRAS.

Nada igual — Nada melhor. A venda nas farmácias fornecedoras.

Concessionário e Distribuidor: ANTONIO MADUREIRA — R. Heróis de Chaves, 602 — Telef. 2141 — PORTO

Deposítários para o Sul: PESTANA, BRANCO & FERNANDES, L.^{da} — R. Sapateiros, 39-1.^o — LISBOA Telef. 24286 e 24287.



3 MARCAS QUALIDADES PREÇOS

Não compre um chapeu qualquer! Procure saber o que compra.

FABRICA TRIUNFO S. JOÃO DA MADEIRA

A venda nas seguintes casas:

LISBOA — Loja da América — Rua Aurea, 206-208; Camisaria Confiança — Rua Augusta, 284; J. Nunes Corrêa & C.^{ia}, L.^{da} — Rua Augusta, 250; Chapalaria Confiança — Rua da Misericórdia, 145 — Grandes Armazéns do Chiado; Grandela — Rua do Carmo — Rua do Ouro; Graciano & Nobre, L.^{da} — Rua de Belém, 63-67; Camisaria Adão — Rua Augusta, 238-240; e no Porto e nas principais localidades do país.

Graças de N.ª S.ª da Fátima

A LIÇÃO DO PRESÉPIO

NO CONTINENTE

Uma conversão em Eja e Entre-os-Rios

José Peixoto Osório Sarmento e Castro, completamente afastado dos deveres religiosos, há dezenas de anos, amancebado publicamente e com filhos, um dos quais por baptizar e já com idade de um ano, aproximadamente. No dia 12 do corrente, às 20 horas, hora a que se fazia a procissão das velas no Santuário da Fátima, a Virgem N.ª Senhora, a quem se tinha recomendado, em orações públicas e particulares, esta necessidade espiritual, confessou-se, recebeu os sacramentos, casou-se *in articulo mortis*, e no dia seguinte, 13, às 10 horas, faleceu com as mais edificantes demonstrações dum cristão convicto e piedoso. A uma tão grande graça, devida à intervenção de N.ª S.ª da Fátima, merece ser dada esta publicidade.

D. Josefina Mendes — Mértola, tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima numa sua enfermidade, foi atendida e vem por isso tornar público o seu reconhecimento.

José Antunes — Colmeias, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a protecção que lhe dispensou, bem como à sua mulher e filhos numa epidemia que os atingiu a todos.

Francisco Correia Teodoro Júnior — Alpiarça, diz que, tendo sido atingido por um ferço de uma debulhadora, esteve 70 dias num Hospital sem que conseguisse melhorar. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima e logo principiou a sentir-se bem, vindo por isso agradecer a Nossa Senhora a sua cura completa.

D. Guilhermina de Jesus Oliveira Pescaria — Setúbal, agradece a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe concedido, por intercessão de Santa Tereza, a graça de livrar sua filha Maria de uma operação que, segundo os médicos, seria necessária.

D. Elisa Madeira — Santarém, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma grande graça espiritual que por sua intercessão alcançou.

Manuel José Bernardo — Dume, havia muito tempo que vinha sofrendo duma hernia, recusando-se terminantemente a ser operado.

Tendo um amigo seu recorrido a Nossa Senhora da Fátima, rezando-lhe todos os dias o Rosário, durante um mês, por esta intenção, o doente consentiu finalmente na operação, ficando bem.

D. Maria do Céu Marques — Rocio ao Sul do Tejo, tendo obtido de Nossa Senhora da Fátima uma graça para sua filha, vem fazer público, deste modo, o seu reconhecimento à Mãe de Deus.

Manuel da Silva Couto — Aroeiro, Gaia, encontrando-se doente — com princípios de tísica, segundo afirmou o médico — tendo a sua mãe e uma irmã recorrido a Nossa Senhora da Fátima, decorridos 6 meses já se encontrava curado, podendo retomar os seus trabalhos.

António Vieira Monteiro — Maia, diz que, vendo sua esposa em sério perigo de vida por ocasião dum parto difícil, pegou no terço, caiu de joelhos e rezou-o com grande fervor, pedindo a Nossa Senhora da Fátima que valesse o sua esposa naquela ocasião.

Foi atendido e cheio de gratidão

vem tornar público o seu reconhecimento à Santíssima Virgem.

D. Maria José Martins — Foz do Douro, tendo doente com apendicite seu filho José, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e ao 4.º dia da novena o filho estava completamente curado.

D. Eldina Henriques Correia — Gibraltar, Ceia, agradece a Nossa Senhora uma graça temporal.

D. Leopoldina Rodrigues Salazar — Pedome, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe alcançou.

D. Manuela Afonso Fernandes — Melgaço do Minho, sofria duma forte inflamação no estômago e curou-se, graças a Nossa Senhora da Fátima.

D. Francisca Laurinda Rodrigues — Varge, diz que, tendo tido seu pai muito mal, e dizendo-lhe os clínicos que era um caso grave e perdido até, pois tratava-se de um cancro no estômago, recorreu a Nossa Senhora da Fátima que a atendeu. Seu pai melhorou por completo sem ter feito tratamento algum.

«Não tomou remédios, diz, as dores desapareceram-lhe e hoje está bom, nutrido e corado, sem nunca mais tornar a sentir aquêles incómodos que constantemente o afligiam. Come e bebe de tudo, como antes de adoecer».

D. Angelina da Conceição Pereira — S. João de Fontoura, diz que, tendo

um irmão seu enfermo, com uma infecção pulmonar declarada pelo médico como incurável, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e o doente encontra-se completamente curado.

NA AMÉRICA

D. Ana da Graça — S. Diego, California, tendo obtido uma graça de Nossa Senhora da Fátima, vem mostrar-lhe deste modo o seu reconhecimento.

NA MADEIRA

D. Eugénia Sá Nobreza — Funchal, tendo-se encontrado gravemente doente e mesmo desenganada dos médicos, fez uma novena a Nossa Senhora da Fátima na companhia dos seus cinco filhinhos, e foi curada, podendo seguir a sua vida normal.

NOS AÇORES

D. Maria Alice dos Santos — Faial, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura duma sua irmã que se encontrava gravemente enferma.

D. Maria A. Spínola — Angra, sofrendo de uma infecção numa das mãos, tendo dores horríveis, recorreu à Santíssima Virgem e colocando uma estampa de Nossa Senhora da Fátima sobre a mão, sentiu um grande alívio, pelo que vem agradecer a Nossa Senhora.

FÁTIMA NATAL DE PORTUGAL MAIOR

por Berto Leite

Chegados ao tempo mais formoso do ano, rejubilamos as almas cristãs pela data do nascimento do Redentor.

E vendo o alvorôco e a alegria dos fiéis, volvemos insensivelmente os olhos para a nossa gruta da Natividade — que assim podemos bem chamar à Cova da Iria.

Fátima é o Natal de Portugal Maior como a gruta de Belém foi a de Jesus.

Devia fazer-se uma inscrição para Fátima que equivallesse à da estrela de prata do mosaico do altar que diz tão simplesmente:

«*Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est.*»
«*Aqui, da Virgem Maria nasceu Jesus.*»

Por exemplo:
Fátima, onde a Virgem Maria chamou os portugueses às fileiras da Acção Católica.

Chegados ao tempo mais formoso do ano em que as flores espirituais substituem as que a terra dá, em que a música dos anjos soa mais fortemente aos nossos ouvidos que a de quaisquer instrumentos, em que a presença do Céu é real sobre a terra, os nossos corações buscam Maria.

E Maria que em Portugal está em cada alma e em cada flor, está sobretudo em Fátima, Natal de Portugal Maior.

A azinheira da Cova da Iria dobrou-se em relíquias, a nuvem doirada e luminosa e branca como a pureza immaculada dos pezinhos que a tocaram desfez-se em bênçãos. Só Maria ficou em Fátima Natal de Portugal Maior.

N.ª Senhora da Fátima em MACAU

Em 1927 chegavam a Macau os primeiros cristãos chineses perseguidos pelos bolchevistas. O Pároco de Santo António conseguiu algumas barracas para os refugiados. A seguir construíam-se mais 13 barracas. Algumas famílias pagãs, inscreviam-se como catecúmenas.

Tal é a origem desta prometedora cristandade.

A seguir veio uma escola-capela para 60 alunos.

Em 1928 um incêndio reduziu a cinzas todas as barracas dos refugiados e a escola-capela. Milhares de chineses cristãos e pagãos ficavam sem abrigo.

O governo da colónia, a missão e o Senhor Bispo foram-nos socorrendo.

A Santa Casa da Misericórdia ajudada pelo governo e por alguns ricos chineses procede à construção das primeiras 400 casas de tijolo. Quinze pertencem aos cristãos que se sentem contentes.

Em 1929 começou a actual capela. Em 1931 a escola de rapazes e em 1933 a de meninas. Actualmente são 170 os alunos e alunas.

Poucos eram os cristãos a princípio.

Hoje são já 250.

As Irmãs Canossianas têm ali a sua residência e escola para 60 meninas.

A missão foi ampliada e nota-se um grande movimento de simpatia pela fé católica.

Tal é a bênção de Nossa Senhora a estes seus dedicados filhos e devotos da missão que em Macau tem o seu nome.

Que Deus os abençoe!

(Continuação da 1.ª página)

bólso dinheiro ganho com o seu trabalho. Era uma surpresa para os pais e a recompensa da sua habilidade e aplicação pois que nenhuma aprendiz antes de 6 meses tinha direito a salário e ela entrara apenas havia 4, desde que, feito o exame, deixara a escola. Tanta coisa ia vendo que lhe apeteceu comprar principalmente para os irmãosinhos, mas a sua resolução estava bem tomada. A mãe é que sabia o que era mais necessário; ela é que disporia daquele dinheiro que, todavia, lhe tinha causado um pesar; ter sido só para ela, enquanto Beatriz e duas outras aprendizas nada tinham merecido senão umas mancheias de passas e nozes que a modista, pessoa caritativa, lhes tinha dado a todas para a consoada.

O pai de Beatriz, chegado a casa, mal tocara no caldo verde e na broa de que constava a ceia e atirara-se para cima do catre na alcova que dava para a cozinha. A sua habitual má disposição juntava-se um certo remorso: porque não deixara a filha ir ceiar e passar o serão em casa do agulheiro? Não teria sido melhor do que vê-la ali tão pálida e triste, embora esforçando-se por tomar parte na satisfação dos irmãos que tasquinhavam em roda do lume as passas e as nozes, que ela lhes dera integralmente?... Ah! E que uma inveja surda do vizinho o minava! Inveja de quê? considerava ele agora. Não era o agulheiro também pobre — talvez mais pobre ainda do que ele e com mais dois filhos? Mas porque andava sempre aquela família tão alegre — dir-se-ia mesmo tão feliz — o pai, a mãe, os filhos?... Ah! era isso que o arrelhiava, o excitava, porque lhe parecia uma provocação. Num repelão, levantou-se. Precisava de ar; a noite estava gelada; iria até à taberna. Apalpou o bólso. Ainda tinha com que se aquecer e com que esquecer os aborrecimentos da vida. Ao entrar na cozinha deteve-se uns segundos mas logo sacudiu os ombros e saiu cabisbaixo seguido dos olhares magoados da mulher e da filha mais velha.

A casa do agulheiro ficava a bem dizer a dois passos e à beira do mesmo caminho. Ao aproximar-se-lhe, o pai de Beatriz ouviu cantar. Parou, numa irritação tão grande que as fontes lhe latejavam e os ouvidos zumbiam. Lá estavam eles, numa festa contínua, a atirar-lhe à cara a sua alegria. Havia luz nas janelas; mais luz que de costume, sem dúvida. A curiosidade venceu a cólera. Aproximou-se e espreitou. Toda a família — e se era numerosa! — estava reunida na cozinha. A mãe com o último ao colo, o pai com o penúltimo e o antepenúltimo sobre os joelhos, os outros diante do Presépio, dois velhotes — os pais dela — todos cantavam, todos sorriam, todos resumavam felicidade.

Coisa estranha! A vista daquela cena, em vez de exacerbar o homem, acalmou-o. Era como se retrocedesse 30 anos. Sentia-se menino, sentia-se inocente, sob os olhares duma mãe carinhosa que lhe contava e aos irmãosinhos a história do Menino Jesus e lhes ensinava a lição do Presépio...

Cedo ficara órfão; da escola e dos livros banira-se o nome de Deus; a igreja ficara relegada ao Pároco e às beatas; a lei era outra e o pai e todos os avançados da vida respiravam fundo como que aliviados... nem eles

saberiam de quê, os desgraçados!

A vida fóra-lhe dura, é certo, mas não mais dura do que para aquêles, ali na humilde moradia, que não tinham esquecido a lição do Presépio e a iam ensinando aos filhos, amorosamente...

Então o homem olhou para si mesmo como para outro homem que, aliás, conhecesse intimamente.

— *Porque não experimentas?* perguntou.

E ficou-se cismando, vendo-se no lugar do vizinho com os dois filhinhos, cada um em seu joelho, o seu Zé e a sua Anica que andavam por aquela idade; a mulher com uma cara menos ralada, a sua Beatriz mais expansiva...

Naquele momento, Natália ajoelhava e punha-se a rezar. Os seus olhos pareciam marejados de lágrimas — sem dúvida causadas por ele que — e tão rudemente, a privara da companhia da amiguinha Beatriz.

E o homem arrancou-se da janela, a cuja vidraça se tinha chegado quasi em riscos de ser visto e reconhecido, e voltou acelerado para casa. Mal dera uns passos, porém, estacou: levou a mão ao bólso, tirou o dinheiro, contou-o à claridade eneyuada da lua e de novo caminhou para o centro da vila.

Passados alguns minutos entrava em casa com um grande embrulho e um rosto tão prazenteiro que todos corriam para ele surpreendidos e encantados. Maior foi no entanto a surpresa quando ele disse:

— *Beatriz, vai pôr o cháile e o lenço... abafa-te bem... que eu vou ali levar-te para passares um bocadinho com a tua amiga Natália...*

E à mulher:
— *Entretanto... vê se tens ainda aí por alguma arca... aquêles Menino Jesus que era da minha mãe... que Deus haja!*

VOZ DA FATIMA

Transporte	2.260.110\$69
Franquia, emb., transp. do n.º 218	5.110\$45
Papel, comp. e impr. do n.º 218	24.028\$65
Na Administração	102\$00

Total 2.289.361\$79

Donativos desde 15\$00

D. Maria da Piedade Oliveira, Entroncamento, 20\$00; Sebastião Calheiros, Brasil, 15\$00; D. Eponina T. Carvalho, Barroelas, 55\$00; D. Elyria Augusta de Castro Corte Real, Ayanca, 20\$00; D. Amélia M. Martins, Lisboa, 20\$00; D. Maria do Rosário de Oliveira e Cunha, Viseu, 20\$00; José F. Melo, América, 24\$50; Manuel Victor F. Dias, Torres Vedras, 40\$00; D. Maria das Dores Amaral Pereira de Melo, Estarreja, 50\$00; José de Freitas Lima, Guimarães, 20\$00; D. Maria Isabel da Silva Baptista, Évora, 20\$00; Francisco da Costa Teodósio, 20\$00; D. Elisa Machado, América, 121\$50; Inácio F. Monteiro, Brasil, 40\$00; P.º Lucas Machado, Cabo Verde, 100\$00; D. Adelaide Dias, América, 66\$00; D. Maria Helena Lima, Lisboa, 20\$00; D. Maria F. de Sousa Pires, Salés, 20\$00; D. Maria Ascensão Manso, 20\$00; D. Laura Lumeno, China, 100\$00; Amândio, 1.º Cabo da R. N. R. em Vila Flor, 15\$00; Miguel Pedro Fialho Pinto, Moura, 20\$00; Joaquim Costa Polido, Niza, 20\$00; Perpétua Barradas de Carvalho, Lisboa, 20\$00; Manuel Ferreira Tomé, Porto, 50\$00.

Este número foi visado pela Censura

PALAVRAS MANSAS

UM PREGADOR

O padre Bourdaloue foi um dos grandes pregadores do século de Luiz XIV. Nos compêndios de literatura e nas citações eruditas, anda sempre muito perto de Bossuet e Massillon, seus ilustres contemporâneos.

Bossuet é a água real. Ninguém subiu tão alto, no seu tempo e depois e até nós. Teve, a espaços, aquelas súbitas iluminações — a expressão é dele — que caracterizam o gênio. A forma simples e diáfana, do melhor veio da língua, é sempre fiel ao pensamento, por mais elevado e sublime que seja. Além das orações fúnebres, modelos imperecíveis, fez sermões que, no seu gênero, valem tanto ou mais do que elas. Com gênio e coração, a sobrevivência de Bossuet nas suas obras ainda hoje impressiona e comove.

Massillon mais retórico — mais colorido, harmonioso e difuso. Pediu às palavras, como Cícero, mais do que devia pedir-lhes, notando-se facilmente, aqui e ali, o abuso que faz delas.

Na nossa terra ou em Paris, nesta ou naquela igreja, o púlpito tem sempre a mesma altura, medida ordinariamente pela acústica, mas não sucede o mesmo com os pregadores que vão passando por ele, embora o illustrem com a sua oratória e o seu nome...

Bourdaloue, homem do seu tempo, tinha dons preciosos de observação e análise. Conhecia profundamente o coração humano, nos outros e em si próprio. Paixão estudada por ele era forçada a dizer donde vinha, como se desenvolvia e a que extremos podia chegar fora da regra e da ordem. Psicólogo singularmente perscrutador e moralista documentado, se é permitido dizer assim.

Fêz por isso, retratos, muito do gosto do seu tempo, em que a fantasia se submetia inteiramente à cópia fiel do natural. O soberbo, o luxurioso, o avaro, o colérico... Nem lhes faltava falar... pela boca de Bourdaloue.

A pureza e a austeridade do ensino na oratória deste insigne pregador são vivamente sublinhadas pelas felicitações que lhe deu Luiz XIV, depois dum sermão do Advento. «Quando ouço os outros pregadores, ordinariamente fico contente com eles e comigo; quando vos ouço, como hoje, fico contente convosco e descontente comigo.»

Reduzida a pregação de Bossuet ao púlpito da sua catedral de Meaux, alguém pôde dizer que Bourdaloue era o rei dos pregadores e o pregador dos reis.

Tem-se dito que o insigne orador

falava de olhos cerrados, o que, a ser verdade, deveria prejudicar muito a sua acção oratória. A beleza de mãos dadas à cegueira... Mas não era assim.

O retrato de Bourdaloue, que abre a edição completa das suas obras, foi feito por Jouvenet seguidamente à morte do eminente orador. O artista reproduziu as feições, em que havia ainda um reflexo distante e fugidio da vida, mas, para ser fiel até ao fim, deixou os olhos como os encontrou — fechados, sem expressão e sem luz. Foi, portanto, esse retrato, cuja extranha factura era pouco conhecida, que induziu muito boa gente a supor que Bourdaloue falava assim.

Há uma gravura antiga, documento precioso para a história da pregação, que reproduz o interior da igreja de São Luiz, na rua de S. Antoine, em Paris, durante as exéquias do príncipe de Condé — o grande Condé, vencedor de Rocroi.

A igreja tem o plano de cruz latina, com a ábside semi-circular. No presbitério, vedado a balaustradas, numerosa clerisia, com alguns prelados à frente.

Desde o cancelo da balaustrada, há um claro em cruz, segundo o plano da igreja. No primeiro sector, do lado do Evangelho, pela sua ordem, damas de mantilha, magistrados, altos funcionários e fidalgos ao serviço dos príncipes da casa Condé. No sector oposto, de barrete, rúmpeta e crêpes, numerosos padres da Companhia de Jesus, em que Bourdaloue era professo.

Em frente do púlpito, num largo estrado, já no corpo da igreja, o duque de Enghien, filho do grande Condé, o duque de Bourbon e o príncipe de Conti. Para baixo e do lado oposto ao estrado, um público escolhido.

No braço esquerdo do transepto, a eça armada com uma imponência principesca, quasi a topetar com o tecto da igreja. Em frente dela, no outro braço, algumas princesas de sangue. Nas tribunas e na galeria alta, senhoras também de mantilha.

No púlpito, Bourdaloue. Alto, direito, dominador. De barrete, como um mestre, e que mestre! a sobrepeliz de mangas largas, para tornar o gesto mais amplo e majestoso. Apoiava a mão direita no rebordo da tribuna e aponta com a outra o catafalco que guarda o coração de Condé.

É para sentir que uma gravura semelhante não tenha reproduzido o interior da igreja de S. Roque durante um sermão do nosso grande Vieira.

Correia Pinto

A CONSAGRAÇÃO DAS FAMILIAS A NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

Bem dita seja a hora em que se lançou a ideia de as famílias católicas portuguesas se consagrarem a Nossa Senhora da Fátima neste ano das festas centenárias. A quem, na verdade, depois de Deus, devemos nós a grandeza das glórias passadas e o esplendor da situação presente?

Se Maria Santíssima não tivesse sido sempre até hoje a grande Padroeira, Rainha e Mãe dos Portugueses, se nas horas do perigo nos não tivesse valido, que teria sido de nós?

A restauração religiosa da hora actual tem por centro o movimento da Fátima. Foi Nossa Senhora quem all nos veio chamar de novo à prática da religião que andava esquecida. Foi Nossa Senhora da Fátima que fez surgir e desenvolver entre nós a Acção Católica e inspirou a obra admirável da Pia União dos Cruzados de Fátima. Foi Ela que nos livrou do comunismo e até hoje nos tem conservado a paz e no-la conservará se com mais fervor trilharmos o caminho da Lei de Deus.

Por tudo isso e por tantas graças que tem alcançado para os que A invocam na terra sagrada da Fátima e em todos os

cantos de Portugal e do mundo, a nossa gente em cada casa lhe levanta um altar.

É justo. Estampa ou imagem de Nossa Senhora da Fátima deve venerar-se em todos os lares portugueses.

Bem andou o Santuário da Fátima em editar essa lindíssima coleção de estampas grandes e médias para que toda a gente possa fazer sem custo a entronização de Nossa Senhora. O cerimonial é simples: cada pessoa da família, ou cada família pelo menos, compra uma pagela para acompanhar.

A estampa ou imagem deve ser benzida pelo sr. Prior ou outro sacerdote, mas se o sacerdote não pode vir, faz a bênção na igreja e a família faz a consagração sozinha em sua casa.

Tanto quanto possível devem os membros da família confessar-se previamente e receber a Nosso Senhor nesse dia.

Dai em diante procure a família honrar a sua Rainha vivendo, esposos, pais e filhos cristãmente e rezando diariamente o terço em família diante dessa linda estampa.

Ah! Como não de sentir assim a celestial protecção da nossa querida Mãe do Céu!

O REI DO CONGO NA FÁTIMA

Estiveram no Santuário da Fátima, no dia 8 de Novembro, D. Pedro VII, Rei do Congo e a Rainha sua Espôsa. Em dois automóveis gentilmente postos à sua disposição pela Senhora D. Maria do Carmo Palha Van-Zeller, deslocaram-se do Jardim Colonial à Fátima, chegando ali pela volta das 12 horas.

Faziam parte da comitiva do Rei, além desta illustre Senhora, o secretário do rei, o Rev. P.º Raimundo Barata O. F. M., e duas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

Na Capelinha das Aparições assistiram todos à Santa Missa celebrada pelo Senhor P.º Raimundo.

No fim da S.ª Missa e do almoço que se lhe seguiu, D. Pedro VII, a Rainha e toda a comitiva, de novo voltaram a joelhar-se na Capela das Aparições aos pés da Santíssima Virgem.

O Senhor D. Pedro não pôde ocultar o seu entusiasmo e devoção ao ver de perto a Veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima cujos pés todos repetidamente beijaram.

Em seguida quis o Rei percorrer o Santuário para ver as obras em construção. Ficou muito admirado com a grandeza da futura basílica.

«Não iria contente para S. Salvador se não viesse à Fátima», diz o rei em resposta a alguém que o interroga.

A despedida o secretário dizia: «Agora poder eu já morrer porque já vim à Fátima!»

Seriam cerca das 17 horas quando os piedosos peregrinos deixaram o Santuário, dirigindo-se para a Batalha, Nazaré e Lisboa.

O Congo foi descoberto por Diogo Cão em 1485.

O Rei Sacuta, que então governava, fez-se cristão tomando o nome de João.

Houve aí uma cristandade muito florescente de que são indício, ainda hoje, as ruínas de muitas igrejas antigas.

D. Manuel I chegou até a apresentar ao Papa um filho dos Reis do Congo como candidato ao episcopado, tendo sido talvez o primeiro bispo de cor de que há lembrança.

Já lá vai sobre as águas do mar a caminho de S. Salvador, D. Pedro VII, e a sua comitiva.

Que Nossa Senhora faça estender por essas terras de Angola e Congo a semente divina da palavra evangélica. C. de A.



NA FATIMA — O Senhor Dom Pedro VII, Rei do Congo, acompanhado da sua real consorte e de outras pessoas, visita o Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

O QUE JÁ VAI FEITO

Milhares de famílias ouviram o nosso apêlo e já se consagraram a Nossa Senhora da Fátima. Sacerdotes zelosíssimos, piedosos chefes de Trezena, dirigentes da Acção Católica andaram com santa emulação a ver qual levaria a palma.

De toda a parte nos vêm pedidos de estampas: de África, dos Açores, da Madeira; de cada canto do continente português. Freguesias inteiras fazem em conjunto a sua consagração.

É agora uma igreja como em Villa de Rei, cheia de devotos com os seus quadros (mais de 500) que recebem a bênção e partem contentes em longas processões através das serras a colocar devotamente em suas casas esse sinal de amor e devoção.

É além uma vila como Portimão em que as famílias acorrem às centenas a obter um quadro e a fazer a sua consagração.

São festas especiais, tríduos, ajuntamentos de confessores para atender os penitentes.

E tudo quanto se tem feito é ainda pouco, muito pouco em comparação do que nos merece a Mãe de Deus e nossa Mãe.

O QUE URGE FAZER

Antes de mais é preciso levar por diante esta ideia e convencer os refractários e preguiçosos a fazerem quanto antes a sua consagração.

Que não passe este ano sem a fazermos!

Estamos no último mês do ano. Seria uma vergonha que a não fizessemos a tempo e horas. Nada de demoras. O tempo passa de pressa.

Os pedidos de estampas são

satisfeitos com urgência se o dinheiro vem antes ou se as estampas vão à cobrança.

Não se remetem fiadas. Mas se todos guardam para a última hora é difícil satisfazer toda a gente ao mesmo tempo.

O preço de venda ao público é para cada estampa grande 5\$00; cada estampa média 2\$50; cada pagela com o cerimonial \$15; cento 10\$00.

Os pedidos devem ser feitos à Gráfica — Largo da Caixa Geral de Depósitos — 7-B

LEIRIA

UMA FORMOSA IDEIA

é a de juntar os nomes dos chefes de família que neste ano se consagraram a Nossa Senhora da Fátima e fazer com eles um grande Livro Azul das famílias portuguesas consagradas a Nossa Senhora da Fátima no Ano das Festas Centenárias.

Mandem-nos os nomes.

Bibliografia

PALAVRAS DUM MEDICO pelo dr. J. A. Pires de Lima, Director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto

A «Voz da Fátima» conta na pléiade brilhante dos seus colaboradores, o Sr. Dr. J. A. Pires de Lima, conhecido Director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto.

Os seus pequeninos mas substanciais artigos subordinados ao título — Palavras dum médico — têm sido justamente apreciados.

O sábio Professor desceu a versar assuntos científicos de medicina e hygiene em linguagem ao alcance de todos, dando conselhos e estabelecendo normas para a conservação da saúde e preservação das doenças mais comuns que affligem a pobre humanidade.

Palavras dum médico

(NOVA SÉRIE)

IV

Quem deu este...

Foram tristes, este ano, as vindimas no Minho.

Prometedora foi a nascença do vinho, mas sobrevieram as moléstias com tal intensidade, que os tratamentos não deram resultado e a colheita perdeu-se quasi totalmente.

Nos últimos dias de Setembro, um proprietário abeirava-se do lugar onde a reduzida colheita fermentava, e ficou desolado. Tomado quasi de desespero, sentou-se na guarda da eira, à esquina do lugar e começou a lamentar-se:

«— A que situação chegou esta casa, que já produziu quarenta pipas de vinho e que este ano nem dez chegará a dar!»

E começou por aí fora em lamentações, cada vez mais vivas.

Em frente numa mesa de pedra, a filha mais velha do caseiro segava as couves para o jantar e, na vasta eira, revolvía as espigas do milho a caseira, de cara macilenta, fatigada pelas árduas conseiras do S. Miguel.

«— Parece incrível, repetia, desesperado, o senhorio, que vive habitualmente na cidade, onde nenhuma comodidade lhe falta. — Parece incrível chegarmos a esta decadência...»

E a caseira, revolvendo ao Sol as espigas do milho, sem a certeza de ter com que sustentar, todo o ano os cinco filhitos, a caseira fez este singelo comentário: «Quem deu este... podia não dar nenhum!»

O senhorio, que se tem por bom católico, terminou, envergonhado as suas lamúrias e considerou que afinal, boa cristã é a sua humilde caseira, a qual sabe sofrer com resignada paciência todos os infortúnios.

«Não queirais entesourar para vos tesouros na terra, diz o Evangelho (Mat. VI, 19); onde a ferrugem e a traça os consome; e onde os ladrões os desenterram e roubam.»

Aquêl proprietário, que deseja ser bom cristão, esqueceu, todavia, os preceitos de Jesus e tem visto consumir pela ferrugem e pela traça, desenterrar e roubar pelos ladrões, muitos bens terrestres, que amealhou, com sacrificio.

Como caiu bem na sua alma a frase espontânea e sincera da sua caseira de terras:

«Quem deu este... podia não ter dado nenhum!»

É um dito de boa filosofia cristã. Lembremo-nos sempre que este mundo é um vale de lágrimas.

Aproveitemos a ciência que Deus nos deu e trabalhemos sempre para que os campos produzam bem, e para que o nosso corpo tenha saúde.

Mas não esqueçamos que a ciência humana é muito precária, que forçosamente havemos de padecer e morrer, e que a fertilidade dos campos pode falhar, apesar dos nossos cuidados.

J. A. Pires de Lima

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal, mas não deixa de ser uma jóia e, por isso, embora muitos dos seus leitores, colecionem o jornalzinho, também muitos outros perdem ou emprestam números que não mais podem reaver para completar a sua coleção.

Estes os motivos por que foi lembrada a conveniência de juntar em livro estes artigos.

O sr. dr. J. A. Pires de Lima que não é só um abalizado Professor, mas ainda um cristão condoído das misérias alheias concendeu gostosamente a devida autorização para se publicarem em livro os seus artigos.

Em elegante edição foi publicada a primeira série (50).

Esperamos que Deus dê forças ao sr. dr. J. A. Pires de Lima para continuar o seu trabalho de vulgarização na «Voz da Fátima» para na devida altura ser publicada a 2.ª série.

As «Palavras dum médico» vendem-se no «Santuário da Fátima» e na — Gráfica de Leiria.

Preço Esc. 5\$00.